Capítulo X — Testemunho dos fatos

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre a literatura.

Do testemunho dos homens passemos ao testemunho dos fatos. Ora, com mais eloquência ainda, se é possível, que os homens, os fatos depõem a meu favor. O paganismo, na educação, é destruidor da literatura, das artes, da filosofia, das ciências, da religião, da família, da sociedade: eis o que dizem, eis o que provam. Destruidor da literatura: essa proposição, sobretudo, bem o espero, será tratada de paradoxo. Com efeito, é de praxe repetir no mundo douto que o estudo dos modelos pagãos, retomado em meados do século XV, foi a ressurreição da literatura na Europa. Entendamo-nos, examinemos e retomemos a história da Renascença esboçada anteriormente.

Desde a queda original, duas potências opostas disputam o império da humanidade, como o coração de cada indivíduo: o sensualismo e o espiritualismo, ou, para falar a língua enérgica da Escritura, a carne e o espírito, o homem velho e o homem novo. Durante três mil anos o mundo viveu sob o domínio da carne, e o mundo teve uma língua, uma literatura, uma poesia, expressão fiel do princípio em que se transformara, pelo qual só vivia, que perseguia por toda parte, que amava em tudo, que adorava com paixão sob todas as formas. Tornado carne, o mundo falava a linguagem da carne e das suas três grandes concupiscências: orgulho, cobiça, volúpia. Essencialmente sensualista, a sua literatura e a sua poesia revestiram forçosamente, segundo a inspiração soberana da carne e dos seus três poderes, formas duras, altivas, frias, hipócritas, mas o mais das vezes elegantes e voluptuosas, seja para ocultar a vergonha do fundo, seja para dar novos atrativos ao ídolo a cujos pés todos os corações desejavam secretamente ver-se acorrentados.

Contudo veio um dia em que o domínio da carne foi destruído, e o homem, livre da sua tirania, viveu feliz sob o império do espírito. O cristianismo operou essa bendita revolução, ou, melhor dizendo, foi ele mesmo essa revolução. Rei do mundo durante mil anos, teve necessariamente uma língua, uma literatura, uma poesia, expressão fiel do seu pensamento. Ora, o pensamento cristão é o antípoda do pensamento pagão. Um é essencialmente espiritualista, o outro sensualista. Além disso, por ser divino, o pensamento cristão é o mais rico, o mais simples e o mais sublime, o mais elevado e o mais profundo, o mais casto, o mais belo, numa palavra, sob todos os pontos de vista. A literatura cristã participa forçosamente de todas essas sólidas e brilhantes qualidades. Alternadamente, como o pensamento que tornava sensível, rica, espiritualista, simples, sublime, verdadeira, doce, casta, séria, sóbria de ornatos, era o pregador incessante do espiritualismo, como a literatura pagã fora o órgão vivo do sensualismo. Um traço essencial sobretudo a distingue:

enquanto a literatura pagã é o culto da forma, que se ostenta por toda parte com luxo e abundância para disfarçar a ignomínia e a pobreza do fundo, na literatura cristã a forma se apaga o mais possível, a fim de deixar aparecer em seu brilho a majestosa beleza do fundo.

O mundo conheceu, pois, duas literaturas, porque foi inspirado por dois pensamentos: a literatura pagã, expressão do pensamento pagão, e a literatura cristã, expressão do pensamento cristão. Negar esse fato é não compreender sequer o sentido dos termos que se empregam. Durante o longo período que decorrera desde a pregação do Evangelho até por volta do fim do século XV, a Europa adquirira uma maneira de julgar e sentir conforme ao conjunto das causas que haviam agido sobre ela.

> *Se, nos desenvolvimentos progressivos do pensamento e da imaginação, escreve um homem acima de suspeita, ela tivesse permanecido entregue apenas aos seus elementos de cultura, se nenhuma influência estranha lhe tivesse modificado a ação, ter-se-ia visto nascer por toda parte em seu solo uma literatura verdadeiramente nacional, como a dos antigos, e em que se teriam reencontrado, sem adição e sem mistura, todos os traços da sua civilização.*[1]

Em vez de dizer que se teria visto nascer essa literatura, o autor deveria ter dito que ela havia nascido. Com efeito, os Padres da Igreja haviam revestido o pensamento cristão, nas suas diversas manifestações, da sua verdadeira forma. Sucessor de tantos gênios, são Gregório Magno a fixara. Formados na sua escola, santo Anselmo, Beda o Venerável, Lanfranco de Cantuária, são Bernardo, são Francisco de Assis, são Tomás, são Boaventura, santo Antônio de Pádua, são Bernardino de Siena, santo Antonino de Florença e uma multidão de outros haviam popularizado, na Itália, na França, na Inglaterra, por toda a Europa, a forma perfeita do pensamento cristão nas letras, na eloquência, na filosofia, na teologia, na história.

Para falar da literatura em sentido mais restrito: Dante cantara, Petrarca escrevera. A própria França não ficara atrás de tão belos exemplos.

> *As poesias dos seus trovadores, os seus antigos fabliaux, os seus antigos romances de cavalaria compunham ali, já antes do século XV, uma literatura baseada em tradições populares, na pintura dos usos nacionais... Se, corrigindo as suas imperfeições sem mudar o seu princípio, a França tivesse permanecido fiel a esses primeiros ensaios do seu talento literário, gozaria hoje das vantagens, muito pouco sentidas, de uma literatura nascida e aperfeiçoada no solo da pátria. Infelizmente não foi assim. Estudaram-se, comentaram-se sem descanso as obras da Grécia e de Roma... Adotaram-se os seus princípios, penetrou-se do seu espírito. Trataram-se de góticos e antiquados o pequeno número de escritos que uma inspiração haurida nas fontes nacionais havia produzido. Enfim, uma grande revolução operou-se nas ideias. A França nela*

> *tomou parte talvez mais que qualquer região do Ocidente.*[2]

Vejamos o que a literatura ganhou com isso, tanto na forma como no fundo. Não contentes de haver infectado a Alemanha, e por ela metade da Europa, com as suas heresias filosóficas e teológicas, os gregos fugitivos de Constantinopla infectaram com a sua heresia literária a pátria da literatura e das artes, a Itália, e, por ela, as outras nações latinas. À sua voz, viu-se a Europa cristã, a Europa literária, abdicando de si mesma, tomar por modelos exclusivos os pagãos de Atenas e de Roma; encerrar nas formas estudadas da sua linguagem, fria como as cinzas dos seus túmulos, a sua palavra tão ingênua, tão forte, tão livre, tão viva; preferir à inspiração do sobrenaturalismo cristão a falsa inspiração do naturalismo pagão; numa palavra, fazer-se, tanto quanto lhe foi possível, grega e romana na sua composição e pagã na sua linguagem. Pouco a pouco o rico fundo de nobres ideias, de generosos sentimentos, produto exclusivo da fé, foi diminuindo, ao passo que o culto da forma, com o seu luxo, os seus torneios rebuscados, os seus enfeites e a sua elegância afetada, tornou-se o grande objeto da arte literária. Não se percebia que o pensamento moderno, afivelado numa forma pagã, não era menos ridículo que um francês do século XVI vestido com a toga romana ou coberto com o barrete frígio.

Não se ficou na ressurreição da forma pagã; logo uma voz cristã, a voz do legislador do Parnaso, ousou dizer ao mundo: Volta os teus olhares para o Olimpo, ali estão os teus deuses; os únicos cujo nome pode embelezar as tuas obras, os únicos cujos mistérios e intervenção convêm às obras do gênio. A história nacional não passa de um fundo estéril e prosaico; o Evangelho é austero demais: os seus temíveis mistérios matariam o entusiasmo:

A fábula oferece ao espírito mil atrativos diversos; Ali todos os nomes felizes parecem nascidos para os versos.

Da fé de um cristão os mistérios terríveis De ornamentos alegres não são suscetíveis; O Evangelho a nossos olhos não oferece por toda parte Senão penitência a fazer e tormentos merecidos. Oh! o gracioso projeto de um poeta ignorante Que, entre tantos heróis, vai escolher Childebrando![3]

Assim foi cortado o fio que prendia a nossa cultura poética à cultura poética de nossos pais. Tornamo-nos infiéis ao seu espírito para entregar-nos sem reserva a um espírito estrangeiro que entendíamos mal, que não tinha nenhuma relação com a nossa vida real, com a nossa religião, com os nossos costumes, com a nossa história. O Olimpo, com os seus ídolos, substituiu o céu dos cristãos... A musa dos modernos, submetida a essa transfusão, recebeu nas veias um sangue estranho que nunca pôde assimilar inteiramente à sua vida... O mundo da poesia tornou-se um mundo muito diverso do mundo vulgar; ali só se ouvia falar de Troia e de Tebas, de Roma e dos deuses estrangeiros.

> *A nossa natureza própria e originária combate sempre surdamente essa vida artificial que fomos forçados a revestir. Já não somos de um só jato: a unidade da nossa existência está perturbada, e assemelhamo-nos ao monstro de*

> *Horácio. E quem quisesse examinar de perto acharia talvez que, com o tempo, é dali que nasceu esse esfriamento das almas pela religião, pela simplicidade e pela santidade do Evangelho; por tudo o que é verdadeiramente grande, nobre e humano, cujo lugar foi tomado pelo gigantesco, pelo empolado e pelo amaneirado; não que esses defeitos tenham de algum modo pertencido aos antigos, mas porque pertencem ao falso caminho que tomamos ao querer tornar-nos algo diverso daquilo a que a sábia natureza nos destinava no mundo moderno e cristão.*[4]

> “*Os escritores de um grande povo, acrescenta o judicioso editor de Bouterweck, devem ser os rivais e não os macacos dos grandes modelos estrangeiros de que procuram apropriar-se as belezas. Se os criadores das literaturas modernas não tivessem perdido demais de vista esse princípio, elas se ligariam mais aos costumes, aos sentimentos, às instituições dos nossos avós, aos nossos usos, à nossa religião; e não teríamos literaturas híbridas ou desbotadas, ora compostas de elementos heterogêneos e pecando pela base da sua instituição, ora formadas sobre um tipo alheio às nossas ideias e à nossa maneira de ser; não oferecendo, numa palavra, senão uma literatura grega em caracteres ocidentais, um mau decalque da literatura dos antigos.*[5]

Ao deixar de ser indígena, isto é, religiosa e nacional, a nossa literatura não perdeu somente a sua forma natural, perdeu a sua popularidade.

> “*A poesia francesa, tornada, sob a influência do paganismo, a mais clássica de todas as poesias modernas, é a única que não se difundiu entre o povo.*[6]

> “*Em vez de pôr a serviço do gênio cristão, acrescenta um escritor célebre, os progressos da antiguidade no estudo do belo, pusemos o gênio cristão a reboque da literatura e da estética pagãs. Que resultou daí? Uma literatura neutra, servil, que exerceu a mais triste influência sobre os talentos e sobre os costumes. Degradou o talento rebaixando-o ao papel de copista. Perverteu os costumes, porque, em vez de aplicar-se a cultivar e embelezar os costumes cristãos, fez-se intérprete e admiradora das ideias pueris e dos costumes dissolutos da antiguidade.*

>

> *Que resultou ainda? A insipidez da poesia, da música, da pintura, da escultura, da arquitetura, que só vivem das inspirações do pensamento religioso e nacional. Assim vemos os artistas eminentes sair da triste carreira aberta na época dita da Renascença, e que logo se chamará o século da degradação. Obrigados a retomar os nossos estudos e a voltar às tradições da escola da Idade Média, a nossa adoração pela arte antiga atrasou-nos três séculos.*

> *Os nossos ensaios de restauração pagã na ordem política foram ainda mais desastrosos. A ideia romana, de criar nações de soldados reinando sobre as outras pelo direito da espada, só gerou guerras sangrentas. Está definitivamente morta, com o seu último representante, em Santa Helena. A ideia grega, de fazer nações de legisladores e de funcionários, produziu o desprezo das leis, do poder, e tornou-nos ingovernáveis. A ideia economista inglesa, de transformar-nos em autômatos produtores, consumidores e comerciantes, ocupados em encher o ventre com os produtos da nossa indústria ou em expô-los em todos os mercados do globo, reavivou as antipatias nacionais e só fez desenvolver, na Inglaterra e nos países que quiseram imitá-la, a lepra hedionda e devoradora do pauperismo.*

> *Em suma, os nossos educadores modernos nada negligenciaram para nos fazer retroceder vinte séculos e obrigar os povos cristãos a retomar o passo miserável de uma miserável antiguidade.*[7]

Notas

[1] *Essai sur la littér. rom.* [Ensaio sobre a literatura românica], p. 35.

[2] *Id.*, 75.

[3] Boileau, *Art poét.*, cant. III.

[4] Carta do Sr. Charles de Villers ao Sr. Millin sobre uma coletânea de antigas poesias alemãs, no *Mag. pitt.*, 1810, t. V.

[5] *Essai sur la littér. espagn.* [Ensaio sobre a literatura espanhola], p. 40.

[6] Madame de Staël, *De l'Allemagne*, t. I, p. 259.

[7] M. Martinet, *De l'Éducation de l'Homme* [Da educação do homem].

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:23 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:23 by Admin